

Aspectos culturais da vila de Icapara: Transformações ao longo do século XX

Cultural aspects of Icapara village: Transformations throughout the 20th century

Ronaldo Pereira Trudes Paolillo¹

Resumo

Este artigo analisa as transformações culturais ocorridas na vila de Icapara, comunidade caiçara do município de Iguape, São Paulo, ao longo do século XX. Historicamente caracterizada por seu isolamento geográfico e um modo de vida baseado na agricultura e pesca de subsistência, a vila experimentou uma aceleração no processo de modernização a partir da década de 1970, com a abertura de uma estrada que a conectou ao centro urbano. O estudo explora as alterações na estrutura econômica e social, na cultura material, nas práticas religiosas, nos eventos sociais e no cotidiano dos moradores. A metodologia baseia-se na compilação de fontes documentais, bibliográficas e na tradição oral, contrastando o modo de vida tradicional com as novas configurações sociais e culturais decorrentes do contato intensificado com a

Abstract

This article analyzes the cultural transformations that occurred in the village of Icapara, a Caiçara community in the city of Iguape, São Paulo, throughout the 20th century. Historically characterized by geographical isolation and a way of life based on subsistence agriculture and fishing, the village experienced an accelerated process of modernization starting in the 1970s, with the opening of a road connecting it to the urban center. The study explores the changes in the economic and social structure, material culture, religious practices, social events, and the daily life of its residents. The methodology is based on the compilation of documentary and bibliographic sources, as well as oral tradition, contrasting the traditional way of life with the new social and cultural configurations resulting from

¹ rtrudes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1490-5592>. Data de submissão: 10 out. 2025.

sociedade urbana, o turismo e a economia de mercado. O trabalho documenta o declínio de práticas tradicionais, como os mutirões (*demão*), o fandango caiçara e o beneficiamento artesanal da mandioca, ao mesmo tempo que analisa a resiliência e a reinvenção de outras, como as festas religiosas e eventos sociais, demonstrando a complexa dinâmica entre tradição e modernidade em uma comunidade costeira brasileira.

Palavras-chave: Icapara. Cultura Caiçara. **Keywords:** Icapara. Caiçara Culture. Cultural Transformação Cultural. Século XX. Transformation. 20th Century. Anthropology. Antropologia.

1. Introdução

A vila de Icapara, localizada no município de Iguape, no litoral sul do estado de São Paulo, representa um microcosmo das dinâmicas culturais que moldaram as comunidades caiçaras brasileiras. Considerada o berço histórico de Iguape, a vila permaneceu relativamente isolada durante séculos, com seu principal acesso ao mundo externo restrito às vias fluviais do Mar Pequeno, um braço do mar entre Iguape, no continente, e a Ilha Comprida. Este isolamento geográfico foi um fator determinante para a consolidação e manutenção de um modo de vida tipicamente caiçara, alicerçado em uma economia de subsistência baseada na pesca artesanal e na agricultura familiar, com destaque para o cultivo da mandioca e do arroz.

O século XX, no entanto, impôs a Icapara uma série de transformações que reconfiguraram seu tecido social e cultural, principalmente a partir do final da década de 1960 e início da de 1970, com a construção da estrada que ligou a vila ao centro de Iguape. Este evento marcou o fim do isolamento secular e inaugurou uma nova fase, caracterizada pelo contato intenso e permanente com a sociedade urbana, a chegada de turistas e especuladores imobiliários e a introdução de novas tecnologias e valores.

O problema central que conduz esta pesquisa é, portanto, compreender como a base cultural de Icapara se transformou ao longo do século XX em resposta a esses novos estímulos externos. Diante disso, o objetivo geral deste artigo é documentar e analisar as principais mudanças ocorridas nas esferas econômica, social e material da comunidade. Para isso, a pesquisa descreve a organização socioeconômica tradicional da vila e identifica seus vetores de mudança. Em seguida, analisa as transformações na cultura material e a reconfiguração das práticas rituais e festivas, refletindo sobre os processos de perda, resiliência e reinvenção cultural.

A relevância deste estudo reside na sua contribuição para a preservação da memória de uma cultura tradicional em processo de rápida transformação. Ao documentar os saberes, as práticas e as visões de mundo que caracterizavam a Icapara do passado, busca-se oferecer um registro histórico para as futuras gerações e, ao mesmo tempo, fornecer subsídios para a compreensão dos complexos impactos da modernização sobre comunidades tradicionais no Brasil.

2. Icapara: Do Isolamento à Conexão com o Mundo Urbano

A história de Icapara está intrinsecamente ligada às narrativas de fundação do Brasil colonial. A tradição oral e os registros históricos apontam para a região como um dos primeiros pontos de estabelecimento europeu no litoral paulista. Lendas locais, coletadas por Pierson e Teixeira², mencionam a chegada de um português degredado, que se misturou aos indígenas e deu origem à população local. Essa figura é frequentemente associada ao *Bacharel de Cananeia*

² PIERSON, Donald; TEIXEIRA, Carlos Borges. *Survey de Icapara*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política, 1947, p. 9.

Cosme Fernandes Pessoa, que segundo historiadores como Young³ e Sampaio⁴, estabeleceu-se ao pé de um monte, posteriormente conhecido como Outeiro do Bacharel, em frente à barra de Icapara, no início do século XVI. A região foi também palco da *Guerra de Iguape* (ca. 1534), um conflito entre colonos portugueses de São Vicente e um grupo de espanhóis liderados por Ruy Garcia de Mosquera, aliado ao Bacharel, evidenciando a importância estratégica do local nos primórdios da colonização.

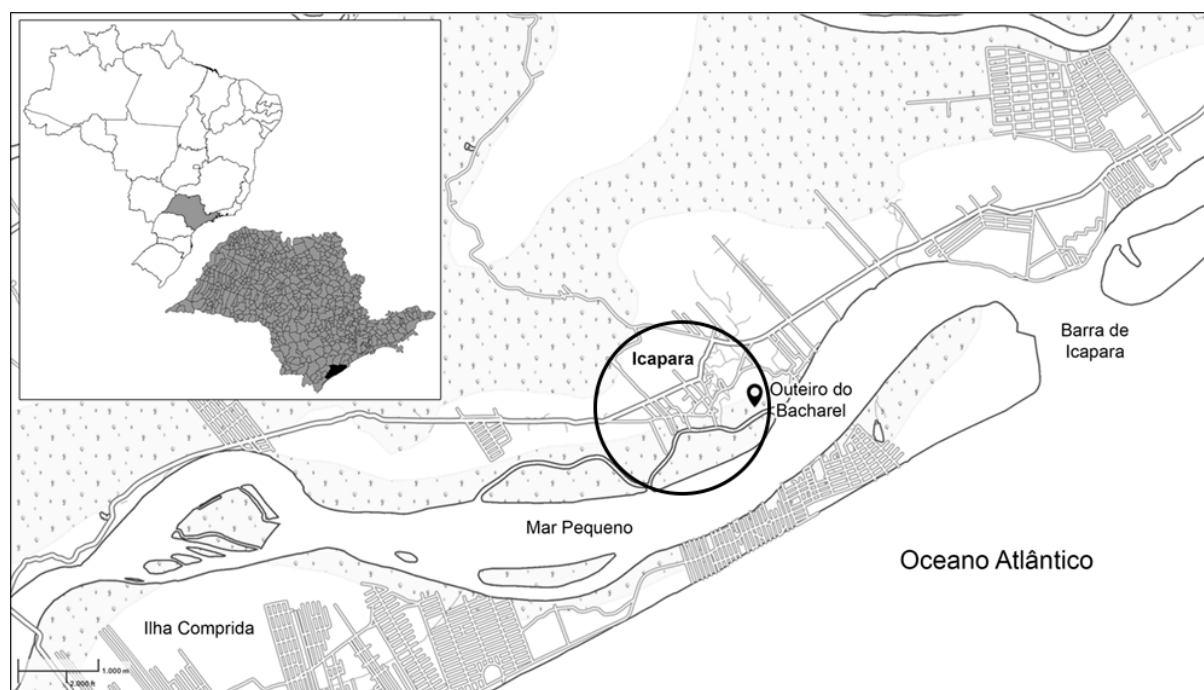
Apesar de sua relevância histórica, Icapara desenvolveu-se, ao longo dos séculos seguintes, como uma comunidade relativamente isolada. Como é possível observar na cartografia da região (fig. 1), a disposição da vila - margeada pelas águas do Mar Pequeno e separada do Oceano Atlântico pela barreira natural da Ilha Comprida - ditou a dinâmica de circulação local. As canoas e, posteriormente, as *bateiras* a motor, eram o único elo com a cidade de Iguape, uma viagem que em meados do século XX podia durar até três horas por trecho⁵. Esse isolamento foi fundamental para a preservação de um modo de vida com forte autonomia cultural.

³ YOUNG, Ernesto Guilherme. Esboço histórico da fundação da cidade de Iguape. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1896-1897, vol. 2, pp. 96-101.

⁴ SAMPAIO, Theodoro. Quem era o bacharel degradado em Cananéia? *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1902, vol. 7, p. 283

⁵ QUEIROZ, Marcos de Souza. *Representações de doenças e instituições de cura numa aldeia de pescadores*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1978, p. 6.

Figura 1 - Mapa de localização da vila de Icapara, mostrando o Mar Pequeno e o Outeiro do Bacharel.



Fonte: Mapchart (2025); Esri, TomTom, Garmin, GeoTechnologies, Inc, METI/NASA, USGS (2025)

A estrutura da vila refletia essa condição. As habitações não seguiam um arruamento formal, mas se distribuíam em clareiras abertas na mata, organizadas em agrupamentos familiares. A comunicação entre as casas era feita por trilhas e não havia cercas ou muros delimitando as propriedades⁶. A vida social se organizava em torno de dois *bairros* informais, o Buruí e o Valinho, com a igreja, a escola e o porto servindo como pontos centrais de encontro.

O grande marco da transformação deste cenário foi a abertura da estrada de ligação com Iguape, no final da década de 1960, conforme memória do senhor Benedito Roberto Ribeiro:

[...] essa estrada aqui pelo morro [...] foi aberta [...] de [19]64 pra [19]65. Mas veio ser aperfeiçoado mesmo, mas sem asfalto, com dificuldade [...] de [19]69 pra [19]71. Aí [...] veio a companhia da SUDELPA [...]. Foi em [19]72 que nós trabalhamos com eles pra fazer o aterro da estrada [...].⁷

Este evento, mais do que qualquer outro, rompeu a barreira do isolamento e expôs Icapara de forma abrupta e intensa às forças da modernidade. As consequências foram imediatas e

⁶ PIERSON; TEIXEIRA, 1947, p. 8.

⁷ RIBEIRO, Benedito Roberto. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 11 set. 2015.

profundas: a vila foi invadida por especuladores de imóveis e turistas da capital; a terra, antes um bem de uso comum e familiar, tornou-se uma mercadoria valorizada. Muitos nativos, vislumbrando uma oportunidade de ganho financeiro, venderam suas propriedades, especialmente as que margeavam o rio, perdendo o acesso direto à sua principal fonte de sustento e lazer.

A nova realidade impôs uma reconfiguração física e social. As antigas trilhas foram alargadas para a passagem de carros, dando origem ao traçado atual das ruas. A prática de cercar e murar os terrenos, introduzida pelos veranistas, foi adotada pelos moradores locais, individualizando as propriedades e rompendo com o padrão de assentamento comunitário. A chegada da luz elétrica e, com ela, da televisão, introduziu novos padrões de consumo, lazer e informação, que passaram a competir e, em muitos casos, a substituir as formas tradicionais de sociabilidade. Em pouco mais de uma década, Icapara deixou de ser uma vila caiçara isolada para se tornar um bairro periférico de Iguape, com uma nova infraestrutura voltada para o turismo e uma população local que precisava se adaptar a uma nova ordem social e econômica.

A ruptura do isolamento em Icapara reflete o projeto nacional-desenvolvimentista da ditadura militar, dinâmica análoga à investigada por Giovana Cioffi Nascimento⁸ e Joana Stingel Fraga⁹. Ao analisarem os impactos da rodovia Rio-Santos (BR-101) sobre o território caiçara de Picinguaba e o Quilombo do Campinho da Independência nos anos 1970, as autoras evidenciam um claro padrão dessas políticas de integração viária litorânea. Em todos esses cenários, a chegada da infraestrutura atraiu intensa especulação imobiliária, transformando terras de uso comunitário em mercadoria e desarticulando as redes tradicionais de subsistência. Assim como no litoral norte paulista e sul fluminense, a modernização no Vale do Ribeira forçou a venda de propriedades a preços irrisórios, marcando a subordinação definitiva de Icapara a uma nova ordem turística e capitalista.

⁸ NASCIMENTO, Giovana Cioffi. *O uso público sustentável em áreas protegidas: uma análise do Turismo de Base Comunitária do Território Tradicional Caiçara de Picinguaba*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.

⁹ FRAGA, Joana Stingel. *Mudanças socioambientais históricas e resultantes geo-hidroecológicas em áreas de manejo (Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, RJ)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

3. Transformações na Estrutura Econômica e Social

A transição de Icapara para a modernidade é mais visível na desestruturação de sua economia tradicional e nas consequentes mudanças em sua organização social. O sistema produtivo, antes voltado para a autossuficiência, foi progressivamente sendo substituído pelo modelo capitalista, alterando as relações de trabalho, a divisão de tarefas e os laços comunitários que até então sustentavam a vila. Essa inserção em uma economia de mercado desarticulou o tempo da natureza, antes balizador das atividades em Icapara, para impor as dinâmicas do capital. A necessidade do trabalho assalariado e a introdução de novos bens de consumo forçaram uma readequação das famílias, muitas vezes impulsionando a saída dos mais jovens em busca de novas oportunidades. Consequentemente, práticas baseadas no auxílio mútuo perderam espaço. Esse movimento esvaziou não apenas a economia de subsistência, mas também os espaços tradicionais de sociabilidade, onde a memória e os saberes locais eram compartilhados e preservados cotidianamente.

3.1 A Economia Tradicional Caiçara: Pesca e Agricultura

Durante a maior parte do século XX, a vida em Icapara era regida por um calendário de trabalho que harmonizava as atividades da pesca e da agricultura¹⁰. A pesca artesanal constituía a principal atividade econômica e fonte de proteína, como apontado por Pierson e Teixeira¹¹. As técnicas eram variadas e adaptadas às diferentes espécies e épocas do ano, combinando saberes de origem indígena e portuguesa. “A pesca de alto mar, exigindo grandes e bem aparelhados barcos, praticamente não é feita por estes pescadores modestos, cujos exíguos recursos não podem custeá-la”¹². O *cerco*, uma armadilha fixa de bambu, era utilizado para a captura de tainhas e outros peixes durante o inverno. Esse trabalho exigia cooperação, como relata o senhor Gonzaga Trudes sobre a sua *sociedade* para montar o cerco. A armadilha que ele e o sócio montavam ficava na água por cerca de 4 meses e garantia enorme fartura: “cada vez que você ia

¹⁰ LECOCQ-MÜLLER, Nice. Uma vila do litoral paulista – Icapara. *Boletim Paulista de Geografia*. 1949, no. 1, p. 27.

¹¹ PIERSON; TEIXEIRA, 1947, p. 10

¹² SOUZA, Elza Coelho de. Pescadores do litoral sul. *Revista Brasileira de Geografia*. 1945, vol. 7, no. 4, p.666.

[...] estava a canoa e meia [cheia] de peixe”. Outras espécies nobres como pescada e, principalmente, o robalo, garantiam o sustento, pois “era caro e tinha bastante”¹³.

A pesca de *lanço* ou *arrasto*, uma atividade coletiva que mobilizava homens, mulheres e crianças na praia, e as *redes de espera*, deixadas no mar ou no rio, eram outras modalidades comuns. A manjuba, em particular, era uma pesca de grande importância, envolvendo um número significativo de pescadores¹⁴.

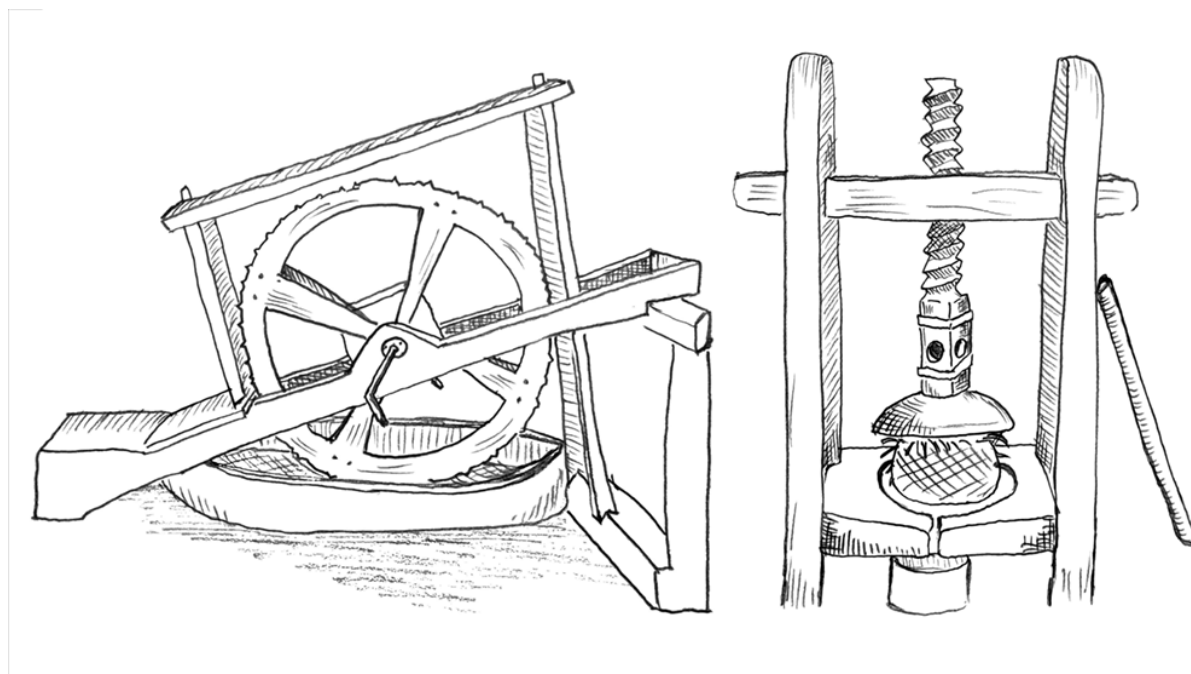
Paralelamente à pesca, a agricultura de subsistência garantia a base da alimentação. O principal cultivo era a mandioca, a *rainha do Brasil*¹⁵, indispensável para a produção da farinha, item onipresente na mesa caiçara. O beneficiamento da mandioca ocorria nas *casas de tráfico*, estruturas anexas às moradias. Como detalhado na Figura 2, o maquinário rústico permitia um processo complexo de extração e torra, gerando não apenas a farinha branca, mas também a *farinha d'água* (feita a partir da mistura da massa da mandioca com a mandipuva), demonstrando um profundo conhecimento sobre as potencialidades do tubérculo. O arroz também era cultivado para consumo doméstico e seu beneficiamento, a *bateção*, constituía um importante evento social.

¹³ TRUDES, Gonzaga. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 20 maio 2015.

¹⁴ QUEIROZ, 1978, p. 15.

¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil: cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

Figura 2 - Roda, prensa e tipiti.



Fonte: Desenho do autor (2024)

Uma característica fundamental dessa economia era seu caráter coletivo. Práticas como o *ajuntório* ou *demão* (mutirão) eram essenciais para as etapas mais trabalhosas do ciclo agrícola, como o plantio e a colheita. O relato da senhora Eurides Pontes Ribeiro descreve com clareza como essa rede de solidariedade operava na prática cotidiana:

Se qualquer um tinha uma roça pra carpir, pra plantar, nós já chamava de ajuntório. [...] Cavamos tudo e plantamos num dia só, de tarde era cozido uma panela de arroz [...], socado farinha com umas tirinhas de carne seca. [...] todo mundo comia igual. [...] a pessoa ficava com sua roça plantad[a], feliz da vida[...]. Porque se ele tivesse nós tinha também¹⁶.

Como descrevem Pierson e Teixeira¹⁷, havia um *compromisso moral* na participação, que funcionava como uma troca de serviço, fortalecendo os laços de reciprocidade e solidariedade na comunidade. A economia era quase desmonetizada, com o excedente da produção sendo trocado ou vendido de forma esporádica para obter bens não produzidos localmente¹⁸.

¹⁶ RIBEIRO, Eurides Pontes. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 9 set. 2015.

¹⁷ PIERSON e TEIXEIRA, 1947, p. 13.

¹⁸ QUEIROZ, 1978, p. 7.

3.2 O Declínio do Modo de Vida Tradicional

A abertura da estrada e a integração de Icapara à economia de mercado na década de 1970 provocaram um rápido desmantelamento desse sistema produtivo. A agricultura foi a primeira a sentir o impacto. A venda de terras para veranistas reduziu drasticamente as áreas disponíveis para as roças. Ao mesmo tempo, o trabalho assalariado na cidade ou em serviços ligados ao turismo passou a ser visto como uma alternativa mais rentável e de maior prestígio social, especialmente para as mulheres, para quem não trabalhar na roça passou a ser sinônimo de status¹⁹. Como resultado, as roças de arroz desapareceram ainda nos anos 1970 e as de mandioca foram se tornando cada vez mais raras a partir da década seguinte. As *casas de tráfico*, outrora centros vitais da produção familiar, foram desativadas e caíram em desuso. Atualmente, o fabrico artesanal da farinha praticamente não existe mais na vila; embora permaneça como um elemento central da dieta, é agora adquirida no comércio de Iguape.

A pesca, embora tenha resistido por mais tempo, também sofreu transformações. A competição com a pesca industrial, as regulações ambientais e a atratividade de outras fontes de renda fizeram com que muitos abandonassem a atividade como principal meio de sustento. Hoje, poucos moradores ainda vivem exclusivamente da pesca artesanal.

A consequência mais profunda dessa mudança econômica foi a queda dos laços comunitários baseados na reciprocidade. Os mutirões, que eram a expressão máxima da cooperação, deixaram de ser praticados no final dos anos 1960²⁰. A transição de uma economia de subsistência para uma economia monetária e assalariada promoveu a individualização das estratégias de sobrevivência. Como reflete o morador Benedito Roberto Ribeiro²¹, no passado “tudo trabalhava na base da união [...] um ajudava o outro”, enquanto hoje “é cada um por si e Deus por todos”. Essa percepção melancólica resume o impacto social da transformação econômica que redefiniu a vida em Icapara.

¹⁹ *Ibid.*, p. 21.

²⁰ *Ibid.*

²¹ RIBEIRO, Benedito Roberto, *Op. Cit.*

4. Cultura Material e Cotidiano

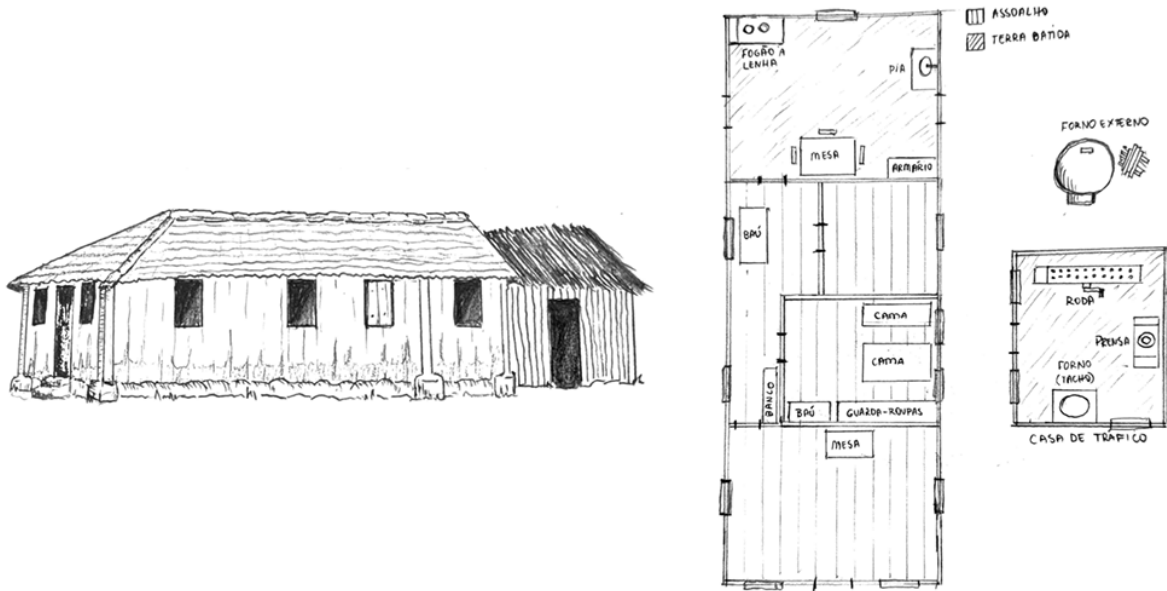
As mudanças na base econômica e na estrutura social de Icapara se refletiram diretamente na cultura material e nas práticas do dia a dia. A habitação, a alimentação e a própria linguagem dos moradores passaram por processos de adaptação ao longo do século XX, materializando no espaço físico as mudanças que ocorriam no tecido social da vila. Nesse contexto, a cultura material caiçara revela-se não apenas como um conjunto de artefatos utilitários, mas como um registro histórico vivo das estratégias de sobrevivência da comunidade. O abandono gradual de saberes construtivos e de cultivo tradicionais, somado à adoção de novos materiais e produtos externos, evidencia a tensão entre a herança cultural e a modernização. Contudo, essa transição não ocorreu como um simples apagamento do passado; muitos elementos do cotidiano foram ressignificados pelos moradores frente às novas realidades impostas pelo avanço do século.

4.1 Habitação: Do Pau a Pique à Alvenaria

Até meados do século XX, a arquitetura tradicional de Icapara era dominada por construções de pau a pique e madeira com divisões simples e pisos que mesclavam terra batida e assoalho, conforme ilustra a planta da Figura 3. O mobiliário era rústico e funcional, consistindo em bancos compridos, esteiras para dormir e, em alguns casos, o pilão para moer café e a *casa de tráfico* na área externa²². A vida doméstica era simples no sentido de ser essencialmente prática, onde a mobília e os utensílios limitavam-se ao estritamente necessário para a subsistência e o descanso, refletindo uma perfeita adaptação aos recursos locais disponíveis.

²² LECOCQ-MÜLLER, 1949, p. 23

Figura 3 - Modelo de casa nos anos 1970.



Fonte: Desenho do autor (2024)

A pesquisa de Pierson e Teixeira²³ já apontava, na década de 1940, que a capela e a escola eram as únicas construções de tijolos, indicando o status excepcional desse material. No entanto, a grande virada ocorreu com a valorização imobiliária a partir dos anos 1970. O dinheiro obtido com a venda de parte das propriedades foi majoritariamente investido na reforma das moradias. As casas de pau a pique e madeira foram sistematicamente substituídas por construções de alvenaria, consideradas mais duráveis, confortáveis e um símbolo de progresso social. Essa transição, embora representasse uma melhoria na qualidade de vida para muitas famílias, marcou o desaparecimento de um saber construtivo tradicional e alterou a paisagem da vila. No final da década de 1980, praticamente todas as casas já eram de alvenaria, e a arquitetura local passou a se assemelhar à dos bairros periféricos de qualquer cidade brasileira, perdendo parte de sua especificidade caiçara.

²³ PIERSON; TEIXEIRA, 1947, p. 8.

4.2 Hábitos Alimentares e Culinária

A base da alimentação icaparana, historicamente, foi a combinação de peixe e farinha de mandioca. O peixe era consumido de diversas formas, principalmente em ensopados temperados com ervas locais como a alfavaca, cujo caldo era misturado à farinha para fazer o *pirão*. A importância desses dois alimentos na garantia do sustento familiar é recordada pela senhora Eurides Pontes Ribeiro, que relembra a rotina de seu pai:

Meu pai vivia mais era da pesca. Eles iam pescando daqui até Iguape. Chegava lá, [...] tinha mercado público e na volta, de tarde, já voltavam com o sustento pra casa. [...] E o que nunca deixou de faltar foi a farinha de mandioca. Porque se tivesse a farinha de mandioca e tivesse peixe com fartura ninguém passava fome²⁴.

A carne vermelha era rara, proveniente da caça de animais silvestres como a paca e a *raposa*(gambá)²⁵, ou do boi abatido durante o Carnaval, que deu origem ao prato tradicional chamado *carne de carnaval*.

A culinária local desenvolveu uma série de receitas criativas a partir dos poucos ingredientes disponíveis, principalmente os derivados da mandioca. Pratos como o *bolo de roda* (uma espécie de biscoito de polvilho), o *cuscuz de mandipuva* (massa de mandioca fermentada acrescida de amendoim), a *coruja* (versão assada do cuscuz de mandipuva) e o *biju* (similar à tapioca) eram comuns e faziam parte do cotidiano e das festividades.

Com a desarticulação da agricultura, a produção local de alguns desses alimentos foi interrompida, mas o hábito de consumo de muitos deles permaneceu. A farinha de mandioca, por exemplo, continua sendo um item indispensável, agora comprada de produtores de outras localidades. Algumas receitas tradicionais, como o bolo de roda e a paçoca de carne seca, foram ressignificadas e hoje são preparadas especialmente para eventos comunitários, como o café da manhã da *Alvorada* na festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, funcionando como marcadores de identidade e elos com o passado. Curiosamente, pesquisas realizadas na década de

²⁴ RIBEIRO, Eurides Pontes, *Op. Cit.*

²⁵ PIERSON; TEIXEIRA, 1947, p. 6.

1970 apontavam um baixo consumo de hortaliças e frutas²⁶, um padrão que se alterou com a maior integração ao mercado e a diversificação da oferta de alimentos.

5. Rituais, Festas e Crenças: Entre a Tradição e a Reinvenção

O universo simbólico de Icapara, expresso em seus eventos sociais, práticas religiosas e crenças populares, também passou por um profundo processo de reconfiguração. Enquanto algumas tradições desapareceram completamente, outras foram adaptadas ou mesmo criadas, demonstrando a capacidade da comunidade de negociar sua identidade cultural em um cenário de mudança. Nesse embate direto com a modernidade e com o declínio da economia de subsistência, muitas daquelas práticas tradicionais perderam seu espaço. O abandono do trabalho agrícola coletivo levou ao silenciamento de expressões culturais que estruturavam a vila, a exemplo dos cantos de jongo no *batimento de arroz* ou das modas de viola nos bailes de fandango. Da mesma maneira, o avanço da racionalidade médica e o distanciamento das rotinas de convívio com a mata alteraram a relação dos icaparanos com o vasto repertório de curandeirismo, lendas e medos que antes regulavam a sobrevivência e a moralidade local.

Apesar dessas perdas, a história de Icapara mostra que os moradores agiram de forma ativa para reconstruir os laços da comunidade. A readaptação de rituais católicos como a *Bandeira do Espírito Santo*, e a invenção de eventos inéditos, como a *Festa da Tainha*, ilustram como o grupo mobiliza elementos de seu passado e de suas práticas cotidianas para forjar novos mecanismos de união. Assim, entre rupturas irreversíveis e adaptações criativas, o universo simbólico icaparano se refaz continuamente, refletindo as estratégias da comunidade para manter vivas a sua memória e a sua especificidade cultural.

5.1 Eventos Sociais e Música: O Silenciar do Fandango

²⁶ MAZZILLI, Rosa Nilda. Algumas considerações sobre o consumo de alimentos em Icapara e Pontal de Ribeira, São Paulo, Brasil. *Revista de Saúde Pública*. 1975, vol. 9, p. 53.

A vida social na Icapara tradicional era marcada por eventos que aliavam trabalho, festa e sociabilidade. O *batimento de arroz*, por exemplo, transformava o beneficiamento do grão em um evento festivo, embalado pelo ritmo do jongo, um canto de trabalho acompanhado por tambor²⁷. A memória de Anita de Carvalho Trudes ilustra como a dinâmica mobilizava a juventude e transformava a sala de casa. O arroz colhido era colocado em um grande paiolque “enchia [...] até pra borda” e era solto no meio da casa. Para realizar a tarefa, “chamava os moços, molecada [...] pra vim bater”²⁸. O batimento ou bateção consistia em remover a palha do arroz para depois ser ensacado e enviado para a cidade. O arroz era espalhado pelo assoalho da sala pelas mulheres; cabia aos homens a tarefa de debulhar o arroz, separando o grão da palha por meio de movimentos circulares com os pés, ritmados pelo jongo. O jongueiro batia um tambor ou caixa e cantava os versos que eram respondidos pelos homens no refrão. Após a conclusão desta etapa, as mulheres retiravam o arroz separado da palha e espalhavam uma nova leva para o jongo reiniciar, tudo regado a muita cachaça. “Quando acabam [...] estão todos bêbados de pinga e de cansaço”²⁹. Com o fim do cultivo de arroz, essa prática desapareceu nos anos 1970.

O fandango caiçara era a principal expressão musical e festiva da comunidade. Mais do que uma dança, era um complexo ritual social que acontecia após os mutirões, no Carnaval ou em festas religiosas. Os bailes eram regidos por regras de etiqueta, como a impossibilidade de as moças recusarem um convite para dançar sem que isso resultasse em sua exclusão do restante do evento. Esta dinâmica é detalhada por Ana Gonzaga Trudes:

A gente ficava sentada e a pessoa vinha pedir pra dançar [...]. Se por acaso eu dissesse que não queria dançar com aquela pessoa eu não dançava com mais ninguém. [...] Então [...] aquela que tinha namoradinho, que [...] ficava esperando que ele tirasse, vinha outro na frente e tirava, era obrigado a sair com o outro³⁰.

A música, tocada ao vivo com violas e rabecas, criava o ambiente propício para o cortejo e a interação entre os jovens. Além da diversão, os bailes serviam como rito de passagem para a fase adulta; por serem proibidos para crianças, o ingresso de um jovem nesses eventos

²⁷ LECOCQ-MÜLLER, 1949, p. 27.

²⁸ TRUDES, Anita de Carvalho. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 20 jul. 2014.

²⁹ PIERSON; TEIXEIRA, 1947, p.18.

³⁰ TRUDES, Ana Gonzaga. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 19 jul. 2014.

simbolizava seu novo status social perante a comunidade. No relato de Benedito Roberto Ribeiro fica evidente essa regra:

Os novos não podiam quase se aproximar de uma sala de baile [...]. Eu mesmo, antes de começar a tocar em fandango com meu pai e meus irmãos, a vida da gente era ficar na rua. Não podia permanecer [no baile]³¹.

O repertório musical, com modas como o *São Gonçalo* e o *Sirindi*, expressava a poética e a visão de mundo caiçara. No entanto, com a chegada de novas formas de lazer, como a televisão e os bailes com música gravada, o fandango foi perdendo seu espaço e, no início dos anos 1980, os bailes tradicionais deixaram de acontecer. Outras tradições, como os *bois no Carnaval*, em que os animais eram soltos pelas ruas antes de serem abatidos e divididos, também se extinguiram, deixando como legado apenas o prato *carne de carnaval*. O declínio desses eventos marca a passagem de uma sociabilidade baseada em rituais comunitários e participativos para um modelo de lazer mais individualizado e de consumo.

5.2 Práticas Religiosas e Festividades

A religiosidade católica sempre foi um pilar da identidade comunitária de Icapara, que ganhou um marco central por volta de 1923, quando o Capitão Mateus, figura local de grande prestígio, trouxe para a vila a imagem de Nossa Senhora da Conceição³². Inicialmente abrigada em residências familiares - onde a comunidade se reunia para celebrar as missas -, a devoção logo exigiu um espaço próprio. A história da construção da igreja, iniciada de forma temporária nos anos 1940 com uma capela de pau a pique e telhado de juçara, e consolidada em alvenaria na década seguinte³³, é um testemunho do esforço coletivo da comunidade.

As festas religiosas, ao contrário de outras tradições, demonstraram grande capacidade de adaptação e reinvenção. A Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro,

³¹ RIBEIRO, Benedito Roberto, *Op. Cit.*

³² CARVALHO FILHO, Antonio João de. *História de como começou a Igreja em Icapara* [Manuscrito]. Iguape, SP, [s.d.].

³³ *Idem*, Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 10 maio 1992.

continua sendo o principal evento do calendário local. A ela foi incorporada, no final dos anos 1980, a *Alvorada*, uma procissão de madrugada seguida por um café da manhã comunitário, que rapidamente se tornou uma *tradição inventada* e hoje é um dos momentos mais aguardados da festa.

Da mesma forma, a *Bandeira do Espírito Santo*, inspirada na antiga folia que percorria as casas da região, foi readaptada pela comunidade nos anos 2000 e hoje é um importante ritual que antecede a festa de Pentecostes. Em contrapartida, as tradicionais festas juninas em louvor a Santo Antônio, São João, São Pedro e Santa Isabel foram substituídas por um modelo de *festa junina* mais genérico, trazido de fora e hoje essa também já não faz mais parte do calendário religioso.

Um exemplo da criação de novas tradições é a *Festa da Tainha*, iniciada em 1994 por comerciantes locais com o apoio da igreja e com o objetivo de fomentar a economia e o turismo. O que começou como um pequeno evento local cresceu e hoje faz parte do calendário oficial do município, demonstrando como a comunidade utiliza elementos de sua cultura (a pesca da tainha) para se inserir em novas dinâmicas econômicas, criando novos rituais de identidade.

5.3 Medicina Popular, Lendas e Medos

O sistema de crenças e tratamentos na vila de Icapara, antes da predominância da medicina alopática, era regido por um complexo conhecimento sobre saúde e doença, e por um rico repertório de lendas e mitos. A medicina popular, detalhada por Queiroz³⁴, partia do princípio de que as doenças provinham de desequilíbrios internos, causados por sentimentos como tristeza ou susto; de influências externas, como mau-olhado e quebranto; ou do desequilíbrio entre elementos *quentes* e *frescos*³⁵. Para cada mal havia uma cura específica, que podia vir na forma de *simpatias*- rituais que transferiam a doença para outro elemento, como colocar uma folha de rama em um formigueiro para curar a maleita - ou de *benzimentos*. Estes

³⁴ QUEIROZ, Marcos de Souza. A lógica do quente e frio: uma manifestação da medicina popular numa aldeia de pescadores do litoral sul do estado de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 1979, no. 21, pp. 123-136.

³⁵ Em geral, considera-se quente todo medicamento que induz a transpiração para expelir a doença através da pele, sem eliminá-la pela urina ou intestino. Fresco é tudo que produz ação diurética ou purgativa, eliminando a doença através da urina ou intestino, e não pela pele. QUEIROZ, 1979, p. 126.

eram realizados por *benzedores*, pessoas da comunidade que detinham o conhecimento de orações e gestos para tratar males específicos como *cobreiro* (erupções cutâneas), *sapinho* (estomatite) ou *chieira de peito* (bronquite asmática).

O conhecimento etnobotânico aproveitava plantas locais, como o boldo e a carqueja para o fígado. Essa medicina integrava também elementos do corpo humano e animal de forma simbólica: cera de ouvido era usada como anti-inflamatório e, em casos extremos, excretos torrados de humanos ou de cães combatiam sarampo e mordidas de cobra, respectivamente³⁶, revelando um sistema médico coerente em sua própria lógica.

Acima dos benzedores estava a figura do *curandeiro*, um especialista que combinava o conhecimento das plantas com sistemas médicos como a homeopatia. Icapara teve uma notável linhagem de curandeiros, iniciada no final do século XIX pelo alemão Ferdinand Von Gothard (ca.1816-1905), conhecido na região como *Doutor do Mato*, e que culminou em Benedito Nascimento Pereira (1914-1991). Benedito, embora com pouca instrução formal, tornou-se uma referência de saúde para a comunidade, evoluindo do uso de plantas e homeopatia para a medicina alopática. Seu prestígio atingiu o auge em 1953 quando, estudando por conta própria, diagnosticou e debelou uma epidemia de febre paratifóide na vila com o uso de antibióticos, firmando-se como uma autoridade local em saúde. A reverência da comunidade à sua figura é resgatada pelo relato do senhor Calino de Mattos:

[...] apareceu o Benedito Nascimento. O Benedito entendia bem, ele entendia mais do que algum farmacêutico de Iguape. Aqui surgiu uma doença chamada paratifo. Ele descobriu pelos livros [...] e ele receitava o remédio [...]. Chegaram até a processar ele, querer prender ele, mas ele fazia, o povo confiava nele.³⁷

Paralelamente a esse sistema de cura, o imaginário local era povoado por seres sobrenaturais que mediavam a relação da comunidade com o sagrado e o desconhecido. As lendas e os *medos*, como define Câmara Cascudo ao analisar o folclore³⁸, funcionavam como um código moral e um manual de sobrevivência, demarcando espaços e tempos perigosos. O

³⁶ QUEIROZ, 1978, p. 160-161.

³⁷ MATTOS, Calino de. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 2 jul. 2018.

³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002, p. 390.

Saci-pererê, em sua versão icaparana, era uma entidade mais perversa que a do folclore nacional, quase demoníaca, que assustava os moradores à noite, maltratava os animais e pregava peças de mau gosto. Outras narrativas, como a do Tamanduá antropomórfico e a da *assombração do pé de abricó*, que apareciam no calor do meio-dia, serviam de alerta para evitar a circulação em horários e locais ermos, funcionando como um mecanismo de controle social e proteção, especialmente para as crianças.

Essas histórias, juntamente com os ditos populares, regulavam o comportamento e a interação com a natureza, tecendo uma rede de significados que orientava a vida cotidiana. Com a maior presença de médicos e a distribuição de remédios gratuitos a partir da década de 1960, a medicina alopática passou a predominar, e as práticas de cura tradicionais, assim como o universo mítico que as sustentava, foram perdendo espaço, enfraquecidas pelo avanço da racionalidade urbana e pela diminuição do contato íntimo com o ambiente natural que lhes dava sentido. Apesar disso, nota-se ainda em Icapara um imenso respeito e até mesmo medo relacionados aos mitos que, mesmo em menor proporção, seguem fazendo parte do imaginário icaparano.

6. Conclusão

A trajetória cultural da vila de Icapara ao longo do século XX é um testemunho da complexidade e, por vezes, da brutalidade do encontro entre um modo de vida tradicional e as forças da modernização. O que se observa é um processo de transformação profunda e acelerada, que reconfigurou em poucas décadas uma estrutura social, econômica e simbólica consolidada ao longo de séculos de relativo isolamento.

A análise dos diversos aspectos da vida na vila revela a passagem de uma lógica comunitária, baseada na autossuficiência e reciprocidade, para uma ordem individualista mediada pelo mercado e por valores urbanos. Contudo, seria simplista descrever esse processo apenas como uma história de perda e aculturação. Diante da desestruturação de práticas coletivas e da padronização material, a cultura icaparana demonstrou notável capacidade de resiliência. Ao ressignificar hábitos alimentares, readaptar festividades religiosas e criar novas tradições, a

comunidade evidenciou uma agência cultural que busca negociar os termos de sua inserção no mundo contemporâneo ao utilizar o próprio *tradicional* como um recurso identitário.

O legado dessa transformação é, portanto, ambíguo. Houve, inegavelmente, ganhos em termos de conforto material, acesso à saúde, educação e infraestrutura. Contudo, esses ganhos vieram acompanhados pela erosão de laços comunitários, pela perda de conhecimentos tradicionais e por uma crescente dependência externa. A história de Icapara no século XX é, em suma, a história de como uma comunidade caiçara enfrentou o dilema da modernidade, um processo contínuo de negociação entre o que se perde, o que se mantém e o que se reinventa para continuar a existir. Documentar essa jornada é essencial não apenas para a memória da própria comunidade, mas para a compreensão do Brasil e de suas múltiplas identidades culturais.

Referências Bibliográficas

Fontes

- CARVALHO FILHO, Antonio João de. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 10 maio 1992. _____. *História de como começou a Igreja em Icapara* [Manuscrito]. Iguape, SP, [s.d.].
- MATTOS, Calino de. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 2 jul. 2018.
- RIBEIRO, Benedito Roberto. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 11 set. 2015.
- RIBEIRO, Eurides Pontes. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 9 set. 2015.
- TRUDES, Ana Gonzaga. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 19 jul. 2014.
- TRUDES, Anita de Carvalho. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 20 jul. 2014.
- TRUDES, Gonzaga. Entrevista concedida a Ronaldo Pereira Trudes Paolillo. Iguape, 20 maio 2015.

Bibliografia

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil: cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- FRAGA, Joana Stingel. *Mudanças socioambientais históricas e resultantes geo-hidroecológicas em áreas de manejo (Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, RJ)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.
- LECOCQ-MÜLLER, Nice. Uma vila do litoral paulista – Icapara. *Boletim Paulista de Geografia*. 1949, no. 1, pp. 22-30.
- MAZZILLI, Rosa Nilda. Algumas considerações sobre o consumo de alimentos em Icapara e Pontal de Ribeira, São Paulo, Brasil. *Revista de Saúde Pública*. 1975, vol. 9, pp. 49-55.
- NASCIMENTO, Giovana Cioffi. *O uso público sustentável em áreas protegidas: uma análise do Turismo de Base Comunitária do Território Tradicional Caiçara de Picinguaba*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.
- PIERSON, Donald; TEIXEIRA, Carlos Borges. *Survey de Icapara*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política, 1947.

QUEIROZ, Marcos de Souza. A lógica do quente e frio: uma manifestação da medicina popular numa aldeia de pescadores do litoral sul do estado de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 1979, no. 21, pp. 123-136.

QUEIROZ, Marcos de Souza. *Representações de doenças e instituições de cura numa aldeia de pescadores*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1978.

SAMPAIO, Theodoro. Quem era o bacharel degradado em Cananéia?. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1902, vol. 7, pp. 280-285.

SOUZA, Elza Coelho de. Pescadores do litoral sul. *Revista Brasileira de Geografia*. 1945, vol. 7, no. 4, pp. 666-669.

YOUNG, Ernesto Guilherme. Esboço histórico da fundação da cidade de Iguape. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1896-1897, vol. 2, pp. 49-151.

Submetido em: 10/10/2025